

Após 'fatura de confiança', Lula troca comandante do Exército

Forças Armadas

Governo vê 'fratura de confiança' e Lula troca comandante do Exército

— Júlio Cesar de Arruda colecionou desgastes com presidente após os ataques de 8 de janeiro; general Tomás Paiva, que assume chefia da Força, defendeu respeito às urnas

ANDRÉ BORGES FELIPE FRAZÃO BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva demitiu ontem o comandante do Exército, general Júlio Cesar de Arruda, e nomeou para a chefia da Força Terrestre o comandante militar do Sudeste, general Tomás Miguel Ribeiro Paiva. O Exército não informou o motivo da exoneração de Arruda, que deixa o cargo apenas 23 dias após assumir e em meio a um clima de tensão envolvendo o atual governo e os militares após os atos golpistas do dia 8 de janeiro em Brasília.

O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, confirmou na noite de ontem que a saída de Arruda se deve a uma quebra de confiança com o governo. "Evidentemente, depois desses últimos episódios, a questão dos acampamentos, a questão do dia 8 de janeiro, as relações, principalmente do comando do Exército, sofreram uma fratura no nível de confiança", afirmou Múcio. "Precisávamos estancar isso logo no início desse episódio, até para que nós pudessemos superar esse episódio." O ministro deu a declaração no Palácio do Planalto, após reunião com Lula.

Segundo relatos colhidos no Exército e no Planalto, Arruda foi demitido por três fatores principais. Primeiro, Lula ficou irritado com a resistência no Comando do Exército de permitir a prisão no acampamento de bolsonaristas em frente ao Quartel-General em Brasília, na noite da invasão e depredação das sedes dos Poderes. Pesou também para a demissão do comandante os fortes indícios de que o Comando Militar do Planalto, ligado ao Exército, falhou significativamente na contenção dos ataques.

CORONEL CID. O terceiro fator, visto como a gota d'água nas relações de confiança, foi a resistência de Arruda para exonerar o tenente-coronel Mauro Cesar Barbosa Cid, conhecido como "coronel Cid". Fiel escudeiro de Jair Bolsonaro e ajudante de ordens do ex-presidente, Cid foi nomeado para chefiar o 1.º Batalhão de Ações de Comando do Exército



General Júlio Cesar de Arruda se desgastou com o governo e ficou só 23 dias no comando do Exército

Crise

Escolha

No início de dezembro, Lula definiu os nomes dos novos comandantes das Forças Armadas. Mais antigo da tropa, o general Júlio Cesar de Arruda foi o escolhido para o Exército.

Posse

Arruda assumiu o comando do Exército no dia 30 de dezembro, antes da posse presidencial. A definição da data coincidiu com o aumento da pressão para acabar com acampamentos bolsonaristas no entorno do QG do Exército, em Brasília.

Desconfiança

Quatro dias depois de bolsonaristas radicais invadirem as sedes dos Três Poderes, Lula endureceu o discurso em relação às Forças. Num contexto de críticas sobre a atuação do Exército na invasão do Planalto, o presidente disse que "perdeu a confiança" em parcela dos militares da ativa.

Demissão

Lula demitiu Arruda ontem. Pensaram o fato de o general ter sido contra a prisão de acampados na porta do QG — de onde os radicais partiram no dia 8 — e sinais de que o Comando Militar do Planalto, ligado ao Exército, falhou na contenção dos ataques.

em Goiânia. Foi grande a pressão para que a nomeação fosse cancelada por Arruda, o que não ocorreu.

O general foi demitido um dia após ele e os comandantes da Marinha e da Aeronáutica se reunirem com Lula e os ministros da Defesa e da Casa Civil, Rui Costa. De acordo com ministros ouvidos pela reportagem, houve um clima de forte tensão entre membros do governo, com discussões sobre a anulação da nomeação.

Reportagem publicada na sexta-feira pelo site Metrôpoles revelou dados de investigações que correm no Supremo Tribunal Federal (STF) envolvendo Cid e transações financeiras — muitas delas em espécie — que o coronel realizava para Bolsonaro e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

O Estadão tentou contato com Arruda, mas seu telefone estava desligado. O ministro da Defesa esteve pela manhã com o comandante demitido e

depois se reuniu com o seu substituto. "Conversamos hoje com o general que estava no comando logo cedo, o general Arruda, que eu faço as minhas melhores referências. E por isso eu queria apresentar o seu substituto, o general Tomás, que hoje é o novo comandante do Exército", disse Múcio, sem responder aos questionamentos da imprensa.

'ALTERNÂNCIA'. Integrante do Alto-Comando, o general Tomás Paiva defendeu na semana passada o processo eleitoral do País e disse que o resultado das urnas deve ser respeitado. Foi o primeiro general a fazer uma manifestação pública desde os atos golpistas do dia 8.

Ele era apontado por petistas como o favorito para assumir o comando do Exército durante a transição. Possui trânsito entre tucanos. "Vamos continuar garantindo nossa democracia, porque a democracia pressupõe liberdade e garantias individuais e públicas. E é o regime do povo, de alternância de poder. É o voto. E, quando a gente vota, tem de respeitar o resultado da urna", disse.

Nas duas últimas semanas, cresceu o mal-estar entre Lula e Arruda, mas havia dúvidas dentro da cúpula do PT sobre os desdobramentos que uma

demissão do comandante poderia causar. O receio era ampliar a crise com as Forças. Arruda foi escolhido pelo critério da antiguidade nas fileiras militares, mas era visto dentro do Exército como alguém mais fechado e ligado à direita. No café da manhã que Lula teve com jornalistas, o presidente fez um comentário sobre a sua irritação com Arruda, mas sem citar seu nome.

"Tinha dois tanques lá. Aqueles tanques, pela imagem que vi, estavam mais protegendo o acampamento do que protegendo Brasília. Ai, o general me ligou dizendo: 'presidente, é muito perigoso entrar de noite no acampamento, tem muita gente, pode acontecer uma desgraça'. Eu falei: 'tudo bem, não estou pedindo para deixar entrar, estou pedindo para não deixar ninguém sair. E, no dia seguinte, as pessoas saem e vão para o ônibus'. E foi o que aconteceu. As pessoas foram para o ônibus, não sabiam que iam ser presas, e foram presas", afirmou Lula.

Tomás Paiva, que agora assume o comando do Exército, é oficial de infantaria, tido como um dos nomes mais moderados da caserna e com boa aceitação no futuro governo, especialmente porque teria desenvolvido relações mais próximas com o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB). Tomás foi ajudante de ordens do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Sempre nutriu relações com os tucanos, desde então (mais informações na página ao lado).

Articulado e crítico de episódios de politização na caserna, ele disse, ao longo de 2022, que as Forças "não andam ao sabor de um governo ou de outro" e são comprometidas com a Constituição. Durante a pandemia, afirmou que a covid-19 era "a missão mais importante de sua geração".

O discurso que fez no Comando Militar, em São Paulo, na semana passada, foi em cerimônia de homenagem do Comando Militar do Sudeste aos militares do 11.º contingente da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti que morreram no terremoto de 12 de janeiro de 2010.

COLABORARAM MARCELO GODOY, RENATO VASCONCELOS E RUBENS ANATER

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 6